

CIDADANIA PLANETÁRIA: DESCONSTRUÇÃO DAS FRONTEIRAS CONSCIENCIAIS

Maria Teresa Brito De Arrunátegui

RESUMO: Neste artigo são apresentadas as conclusões da autora obtidas através do convívio com diversas culturas, observando os principais obstáculos à compreensão das diferenças entre os indivíduos e os povos. São expostos os conceitos de Cidadão Planetário e de Fronteiras Conscienciais a serem desconstruídas com o objetivo de propiciar a instalação do Estado Mundial, tema citado na Enciclopédia da Conscienciologia e já vislumbrado por sociólogos, historiadores e filósofos. A autora inclui também contribuições de autores que se debruçaram sobre temas afins à cidadania planetária.

Palavras-chave: cidadania planetária, Estado Mundial, fronteiras conscienciais.

INTRODUÇÃO

Escrevi este artigo com o objetivo de comunicar aos participantes do I Simpósio de Reeducação o resultado de minhas experiências e reflexões relativas às dificuldades de convivência entre povos e culturas diferentes, e propor algumas reciclagens por mim consideradas necessárias à desconstrução das fronteiras conscienciais, possibilitando o desenvolvimento da cidadania planetária, fruto do universalismo.

A metodologia utilizada na realização deste trabalho foi a narrativa de experiências próprias e a pesquisa bibliográfica de autores que se debruçaram sobre temas relacionados à temática central do artigo.

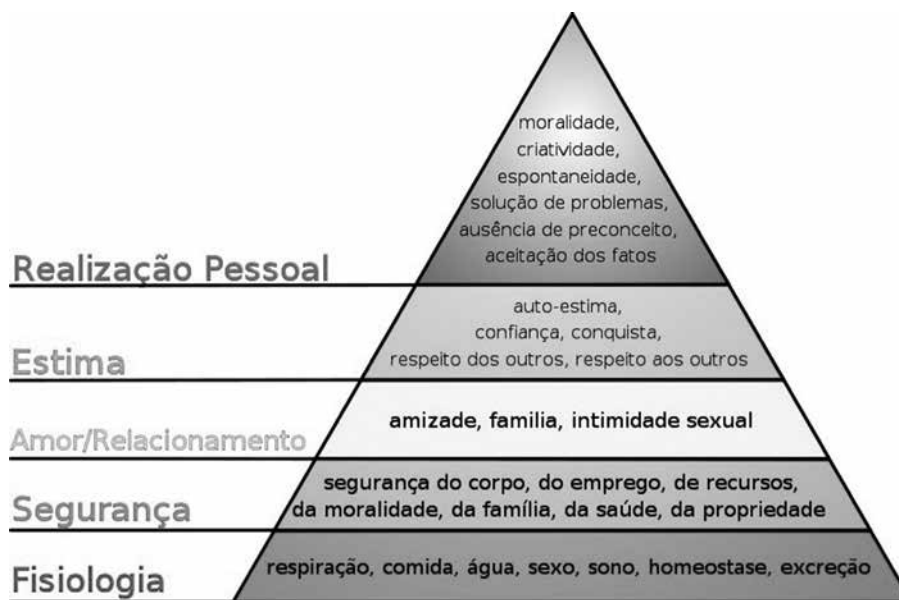
Minhas reflexões, depois de muito viajar pelo mundo, visitar todos os continentes, com exceção da Antártica, e viver em outros dois países¹, levaram-me à conclusão de que os indivíduos, estejam onde estiverem, são muito semelhantes na busca da satisfação das necessidades básicas inerentes à raça humana: **sobrevivência, bem-estar, liberdade, identidade**. Essas necessidades básicas se manifestam de maneiras diferentes, de acordo com o nível socioeconômico de cada ser, com o meio em que se desenvolve e com o seu patamar evolutivo.

O patamar evolutivo se evidencia, principalmente, pela maneira – mais ou menos cosmoética – através da qual o indivíduo avalia e busca a satisfação dessas necessidades. Entretanto, antes de ter assegurada a sobrevivência, dificilmente consegue se ocupar de outros objetivos.

MASLOW E A TEORIA DAS NECESSIDADES HUMANAS

Parece-me interessante apresentar aqui a *Teoria das Necessidades Humanas*, concebida pelo psicólogo americano Abraham Maslow (1908–1970), ilustrada na denominada *Pirâmide de Maslow* (figura a seguir).

1 Peru (de 1965 a 1975) e Vietnam (durante a guerra, em dois períodos de 6 meses nos anos de 1969 e 1973).



Fonte: Wikipédia (<https://goo.gl/0vFX9R>)

Na base da pirâmide estão as necessidades fisiológicas, seguidas das de segurança e as sociais. A dificuldade da satisfação desses três primeiros níveis fica muito evidente num país em guerra, onde conservar a vida é a primeira preocupação de qualquer pessoa, mesmo quando privada de liberdade e de bem-estar, tendo muitas vezes que ocultar sua identidade intrafísica.

Vivendo em Saigon – hoje Ho Chi Min (1969–1973), quando o Vietnã do Sul, aliado dos Estados Unidos, lutava contra o Vietnã do Norte, aliado da então União Soviética, em plena vigência da Guerra Fria, eu pensava em como era incrível que naquele caos houvesse vidas organizadas em suas rotinas. Sem espaço, sem privacidade, sem higiene, amontoados em “casas” onde conviviam três gerações, de que direitos usufruíam aqueles seres humanos? Se o ir e vir cotidiano era tão absurdamente estressante, me perguntava: depois de tudo, teriam tempo e forças para pensar em algo além da sobrevivência de cada dia?

Ante a possibilidade de um bombardeio a qualquer momento, ou um ataque surgido do local menos esperado, segurança e liberdade eram objetivos inalcançáveis. Quantas vezes, caminhando pela cidade, tive que me desviar do caminho interrompido por rolos de arame farpado guardados por soldados que apontavam suas metralhadoras agressivamente. A formação de grupos era proibida e o toque de recolher vigorou durante anos, dificultando a satisfação de necessidades sociais.

Por outro lado, convivi também com médicos – meu marido era um deles – e outros profissionais da saúde, de diversas partes do mundo, arriscando suas vidas para prestar assistência àquela população sofrida. Eles também estavam buscando algum tipo de satisfação: penso que seria a do topo da pirâmide: autorrealização.

De alguma forma, para mim sem explicação naquela época, eu me sentia parte daquele povo, compartilhava uma dor difusa e a insegurança permanente. Hoje, penso que meu interesse pelo tema cidadania planetária se originou dessas experiências.

Nos dias atuais, a maneira de alcançar a satisfação das citadas necessidades é influenciada pelos fatores descritos ao longo deste artigo, entre os quais a Globalização, provocadora de consequências as quais alcançam indiscriminadamente os cientes e os ignorantes da sua existência.

CIDADANIA PLANETÁRIA

Com base na experiência própria e no estudo do desenrolar da História Contemporânea a partir das consequências do processo globalizante, me surgiu a ideia do que poderia ser a Cidadania Planetária e as dificuldades a serem superadas para alcançá-la: as Fronteiras Conscienciais.

Segundo do Dicionário Houaiss eletrônico, cidadão é o “indivíduo que, como membro de um Estado, usufrui de direitos civis e políticos garantidos pelo mesmo Estado e desempenha os deveres que, nesta condição lhe são atribuídos”.

Tomando como base a definição acima, cidadão planetário é o indivíduo que, habitando este Planeta, em qualquer lugar, usufrui de todos os direitos inerentes aos seres humanos, formalmente estabelecidos pela ONU na Declaração Universal dos Direitos Humanos, assinada em 1948:

1. Todas as pessoas nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotadas de razão e consciência e devem agir em relação umas às outras com espírito de fraternidade.
2. Toda pessoa tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidos nesta Declaração, sem distinção de qualquer espécie, seja raça, cor, sexo, língua, nascimento ou qualquer outra condição.
3. Toda pessoa tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal.

Observando os citados direitos e deveres, facilmente se observa terem sido os mesmos ignorados, e ainda nos dias de hoje, por inúmeros sistemas políticos, órgãos oficiais, organizações clandestinas, aos quais, comodamente, grande parte da sociedade atribui a responsabilidade dos malefícios disseminados pelo mundo.

A Declaração dos Direitos Humanos, publicada em 1948, foi uma reação dos países integrantes da ONU aos horrores da Segunda Guerra Mundial, terminada em 1945. E como afirma Husek (2007):

A história da cidadania confunde-se, de certa forma, com a própria história dos direitos humanos, da afirmação dos valores éticos – igualdade, liberdade, dignidade – e do valor político da democracia e da justiça e a consequente limitação do poder estatal, estabelecendo freios ao poder de mando.

Constatei também, lendo diversos autores, que os esclarecimentos aportados ao longo da História pelo desenvolvimento da Ciência, modificaram, às vezes definitivamente, os paradigmas vigentes em cada época, chegando mesmo a determinar o surgimento de uma nova Era histórica. Foi assim com a Era Planetária e talvez poderá ser, num futuro apenas vislumbrado, com a Era a se considerar Consciencial, quando o Paradigma Consciencial, base da neociência Conscienciologia, venha a direcionar o comportamento humano. Para alcançar a vigência do novo paradigma, proponho a reeducação baseada em suas premissas.

Entre essas premissas está a interassistência, ou seja, quando uma consciência ajuda ou assiste outra consciência, os benefícios são mútuos. E essa interassistência se dá na convivialidade sadia, fruto da aceitação das diferenças e da disponibilidade de acolher, esclarecer, criticar construtivamente e aceitar críticas pertinentes.

De acordo ainda com essas premissas, *ninguém evolui sozinho*, ou seja, no contato com o outro posso me conhecer, aprender, modificar-me, na busca de saberes e comportamentos que me conduzam a níveis maiores de lucidez quanto ao que realmente sou e desejo ser, com o objetivo de alcançar uma consciencialidade mais avançada.

Então, todos estão imbricados no processo evolutivo do seu grupo. E quando esse grupo se expande, chegando a incluir a humanidade e a para-humanidade, a ideia de interassistência se amplia, exigindo uma significativa reavaliação de conceitos e valores até então percebidos como válidos.

Assim, passa-se a perceber a convivência como via de duplo sentido: na medida em que se manifesta, a consciência exerce influência sobre alguém ou sobre um grupo e recebe os reflexos dessas manifestações, fonte permanente de oportunidades evolutivas. Portanto, o convívio é valioso na medida em que propicia a reflexão sobre as semelhanças e as diferenças entre os seres humanos, assim como a necessidade de reciclagens conscienciais.

Aí se apresenta a cada consciência uma responsabilidade iniludível: avaliar o tipo de influência que exerce sobre cada pessoa que contata, sobre cada ambiente por onde passa. Para isso é indispensável corajosa perquirição da intencionalidade propulsora de cada manifestação, de cada comportamento, de cada interlocução. A intenção pró-evolutiva é sempre assistir, ou seja, ajudar ou colaborar no processo evolutivo de cada ser humano de seu convívio mais íntimo ou mais distante.

E para cumprir com essa responsabilidade são necessárias reciclagens, que se dão a partir de um ponto de partida: quem sou eu agora, neste momento, e qual o meu nível de conscientização quanto à minha própria realidade. Portanto, deve-se considerar o autoconhecimento não como um ponto de chegada, mas a possibilidade de uma partida rumo a patamares evolutivos mais elevados.

Entretanto, a busca do autoconhecimento não é tarefa a que facilmente se devote a maioria das pessoas. A seguinte narrativa ilustra a dificuldade de se encarar o processo de autopesquisa (autor desconhecido):

Um cidadão, passando por uma rua, encontra uma mulher agachada sob a luz de um poste, buscando uma chave perdida. Oferece-lhe ajuda, ela aceita, e ficam os dois esquadrinhando o chão. Passa um segundo cidadão, que faz a mesma oferta e se junta a eles, e depois um terceiro e um quarto. Ao não encontrarem nada, o primeiro passante pergunta: “você tem certeza que sua chave foi perdida aqui?” “Não, responde ela, apontando para outro lugar, foi lá, mas lá está muito escuro”.

Na medida em que se pesquisa a si mesmo, o pesquisador cria a própria metodologia para as necessárias transformações. Na proporção em que se transforma, se alargam e se aprofundam as perspectivas, criando a visão de um conjunto cada vez mais abrangente, até ser suficiente para abarcar o planeta e sua Humanidade.

ATUALIDADE PLANETÁRIA

A atualidade planetária de degradação ambiental, ideativa e de relações conflituosas nos está dando sinais inequívocos da urgência de mudança profunda do ser humano, fazendo-o sentir a responsabilidade que lhe cabe, individual e coletivamente, na manutenção e recuperação do mundo em que vive.

É o reflexo da visão de mundo baseada no paradigma fisicalista, materialista, cujas consequências se observam na perplexidade que se apodera dos indivíduos, dos grupos sociais e dos governos, ante a feira de acontecimentos ameaçadores à sua sobrevivência.

Pode-se afirmar que vivemos uma era da constante incerteza, derivada das inúmeras decisões a serem tomadas individual e coletivamente, com o objetivo de buscar alguma estabilidade, numa época de muitas mudanças e novos desafios. Não são tempos fáceis, e devem ser encarados ao modo de desafio a ser superado com intencionalidade sadia, que promova o crescimento e a evolução de todos aqueles que o aceitem. São tempos de grandes oportunidades evolutivas.

Com os meios de comunicação disponíveis, a convivialidade humana ultrapassa os contatos pessoais, individuais, promovendo o acesso a diferentes realidades sociais e culturais. As pessoas participam de acontecimentos, que aparentemente não lhes dizem respeito, porque se dão “do outro lado do mundo”, a exemplo do tsunami no Japão e, mais recentemente, do terremoto no Tibet.

Com relação às diferentes realidades vale a pena citar o pensamento de Maturana e Yáñez (2009):

Vivemos uma cultura de opostos, a guerra e a paz, o bem e o mal, o obscuro e o luminoso, como se fossem duas caras da mesma moeda, mas não vemos a moeda. Talvez essas reflexões não sejam novas, contudo nos põem diante de uma encruzilhada emocional que já tem história. Mudaram os tempos, os momentos culturais e de pensamento; não obstante, o dualismo continua exercendo seu poder desde as sombras, obscurecendo-nos a visão da unidade, constituindo-se a base do pensar ocidental analítico, mesmo neste presente. Faz parte do nosso viver cotidiano: qual será o caminho correto? Será bom ou mau? Gerando insegurança para nós e confiando a outros e outras nossas decisões.

O fato de “não ver a moeda” e a não participação nas decisões desestabiliza a noção individual de realidade, revelando, quase sempre de maneira dolorosa, quão impotente se encontra o ser humano diante da diversidade de fatores dos quais depende sua sobrevivência neste mundo.

Para superar essas dificuldades, considero indispensável buscar saberes e olhares alternativos, que nos ajudem a interpretar melhor a realidade que vivemos e a planejar um futuro congruente com o que constatamos, considerando que a realidade planetária se constitui do viver e do conviver das consciências que habitam este planeta.

ERA PLANETÁRIA

Define-se era como período que começa com um fato histórico notável ou marcante, ou que origina uma nova ordem de coisas (Dicionário Houaiss eletrônico).

O precursor da **Era Planetária** foi Copérnico (1473–1534) ao propor a Teoria Heliocêntrica, publicada em seu livro *De revolutionibus orbium coelestium* (Da revolução de esferas celestes), no ano de sua morte (BAUMAN, 1999). Essa obra constitui um marco revolucionário ao afirmar que a Terra é apenas mais um planeta a mover-se em torno do Sol, refutando o sistema geocêntrico de Ptolomeu, que considerava a Terra o centro do Universo. Em consequência, houve importante mudança paradigmática: a ideia que o homem da época fazia de si mesmo, como feito à imagem e semelhança de Deus e, portanto, ele mesmo, centro do Universo.

No século XVI, com a descoberta da América por Colombo e com a circum-navegação de Magalhães, a Era Planetária começa a se desenvolver através da colonização, da ocidentalização e, também, do incremento das relações e interações entre as diversas regiões do globo.

Nos séculos seguintes, com o advento de meios de transporte e de comunicação cada vez mais rápidos, culminando hoje com a Internet, essas relações e interações se tornaram praticamente instantâneas, a ponto de permitir o surgimento da **Globalização** no século XX.

GLOBALIZAÇÃO

Segundo Bauman (1999),

“A ‘globalização’ está na ordem do dia; uma palavra da moda que se transforma rapidamente em um lema, uma encantação mágica, uma senha capaz de abrir as portas de todos os mistérios presentes e futuros. Para alguns, ‘globalização’ é o que devemos fazer se quisermos ser felizes; para outros, é a causa de nossa infelicidade. Para todos, porém, **‘globalização’ é o destino irremediável do mundo**, um processo irreversível; é também um processo que nos afeta a todos na mesma medida e da mesma maneira. Estamos todos sendo ‘globalizados’ – e isso significa basicamente o mesmo para todos” (grifo meu).

Se, tal como Bauman, se aceita que a “globalização é o destino irremediável do mundo”, pode-se supor que, em algum momento, num futuro ainda distante, a intensificação do processo leve à instalação do “Estado Mundial”, numa “Terra de Todos” definida e caracterizada na Enciclopédia da Conscienciologia, que citaremos mais adiante.

Estudiosos da Sociologia e da Antropologia – por exemplo, Bauman, Lévy, Huseck e Attali, entre outros citados na bibliografia deste artigo – em suas obras deixam clara a trajetória humana rumo a organizações políticas cada vez mais amplas, como consequência natural da evolução tecnológica que, ao mesmo tempo em que provoca ameaças, força a aproximação cada vez mais estreita dos Estados nos quais hoje se divide o Planeta.

Essas organizações políticas mais amplas, nos dias atuais, têm promovido o que se poderia denominar “erosão da soberania nacional”: crises financeiras ocorridas a partir de 2008 em países distantes geograficamente abalaram Estados e Continentes, obrigando governos a tomarem medidas que provocaram e ainda provocam manifestações de indivíduos e de povos que se sentem prejudicados e reivindicam direitos outrora usufruídos.

Entretanto, penso que esses abalos tem um papel pedagógico, no sentido de evidenciar a necessidade de maior cooperação entre os Estados, até mesmo para a sua sobrevivência. Para isso, poderão ser ampliados ou modificados os organismos internacionais já existentes, de interferência cada vez mais ampla nos setores políticos e econômicos, a princípio não por solidariedade, e sim por conveniência, até o momento de se criar uma gestão política universal, propulsora do aparecimento do Estado Mundial.

ESTADO MUNDIAL

Estudo mundial, segundo Vieira (2013), apresenta a seguinte definição de estado mundial:

Estado Mundial é a política de cooperação, intercâmbio e integração universalista entre as Nações, conquista possível devido aos avanços tecnológicos, sendo inevitável o consenso ou a homogeneização gradual das leis e regras regendo esse regime, respeitando os direitos individuais ou culturais de determinada população.

O mesmo autor propõe o conceito “Terra-de-todos” (VIEIRA, 2013):

A *Terra-de-todos* é a condição evoluída do emprego livre do planeta Terra pelo total das consciências intrafísicas, sem distinções anticosmoéticas de qualquer natureza, de modo aberto, sem fronteiras nem discriminações espúrias, egoísticas ou infantis, com a ampla amalgamação existencial das etnias de modo fraterno.

A essas discriminações denomino Fronteiras Conscienciais, que tratarei mais adiante. Em consequência, a noção de nacionalidade torna-se ultrapassada, o Planeta vem a ser a pátria de todos os seres humanos, onde prevalecerá a megafraternidade manifestada através da omnicooperação, do cosmopolitismo, da minimização dos confrontos, da solidariedade cosmoética universal.

Para que predominem a política universalista e a liberdade de uso do planeta, será necessário promover modificações comportamentais nos indivíduos que as exercerão, e apresentar recursos para as indispensáveis transformações. Minha proposta é a divulgação e a teática do Paradigma Consciencial, a ser tomado como base do processo de reeducação, que se inicie em cada um de nós, estudiosos, docentes, divulgadores da Conscienciologia.

Pode parecer ingenuidade vislumbrar um patamar de convivência tão avançado, nos dias de hoje. Embora a realização de um ideal de tal magnitude requeira um tempo não quantificável, pensadores contemporâneos vêm-se ocupando do tema, demonstrando a urgência de mudanças na política internacional. Falar em política internacional remete a grandes organizações, mas não se pode esquecer que seus membros são consciências capazes de realizar reciclagens em seu caminho evolutivo. O futuro se idealiza a partir de esperanças relativas ao indivíduo, à sociedade e, atualmente, ao Planeta.

Esse planejamento deverá considerar que a realidade humana, planetária, se constitui do viver de cada consciência habitante da Terra. Quando mais e mais consciências desenvolvam a chamada *inteligência evolutiva*, ou seja, a capacidade de compreender e vivenciar a atual experiência intrafísica baseando-se na aplicação teórica e prática, autoconsciente do mecanismo da autoevolução consciencial, mais favorecidas serão também as dimensões extrafísicas com as quais interagimos ininterrupta e reciprocamente.

Afinal, poderá haver uma mudança radical na autoidentificação dos seres humanos, já não mais restrita aos aspectos materiais, intrafísicos, e sim baseada na multidimensionalidade e na multiexistencialidade: uma consciência em evolução.

IDENTIDADE

A essência da identidade – a resposta à pergunta “Quem sou eu?” – parece simples, mas envolve muitos fatores e se constrói através dos vínculos que conectam o eu a outras pessoas, pressupondo a fidedignidade e a estabilidade de tais vínculos com o passar do tempo. O ser humano precisa de relacionamentos e de relacionamentos em que possa servir para alguma coisa e aos quais possa se referir no intuito de definir-se a si mesmo. Entre os aspectos a considerar na formação da identidade podemos citar: família, gênero, idioma, grupo étnico, credo religioso, classe social. Portanto, a identidade adquire diferentes significados que contribuem para minar as bases do universalismo, promovendo a ***identidade que cria fronteiras conscienciais***.

Mais uma vez cito Maslow: “para mudar uma pessoa é necessário mudar sua consciência de si mesma” e, portanto, sua identidade: a verdadeira e plenamente inclusiva identidade da raça humana. E acrescento: a identidade de uma consciência em evolução, gozando da oportunidade de estar neste planeta, nesta época de tantos contatos e tantos contrastes catalizadores de mudanças e reciclagens.

Penso que essa mudança se realiza com a reeducação, levando o ser humano a enxergar além dos interesses paroquiais e das fronteiras de seu território, a alargar seus objetivos acima da ideologia e da política, e reafirmo que o Paradigma Consciencial pode ser um caminho, embora longo.

FRONTEIRAS CONSCIENCIAIS

Quando se fala em Humanidade, geralmente a referência é feita a um conceito abstrato, um conjunto de seres distantes da realidade individual. Em consequência, parece natural que haja fronteiras territoriais, usos e costumes diferentes, culturas e ideologias antagônicas, “destinos” independentes, enfim, realidade impessoal, indiferente, que não diz respeito ao observador.

As fronteiras territoriais vêm perdendo significado, a partir do fenômeno da globalização, da formação de grandes blocos econômicos, a exemplo da Zona do Euro e da União Europeia, cujos países constituintes podem ser visitados com apenas um visto no passaporte do visitante, ou seja, uma vez adentrado num país, as fronteiras dos outros são transpostas sem nenhum tipo de obstáculo.

Então, onde reside a dificuldade da convivência com o “estrangeiro”? Nas fronteiras conscienciais, ou seja, as que separam um ser humano do outro, do diferente, do desconhecido, do inusitado, do incompatível, às vezes, do insuportável. Esses atributos caracterizam o “estrangeiro”, termo de origem latina – *extraneus* – o que vem de fora.

A rigor, a primeira fronteira é o corpo físico, o qual estabelece a separação entre o eu e o outro, aquele que está fora do eu. E no conviver com esse outro se vão construindo as fronteiras conscienciais ao longo da vida. Podem chegar a ser intransponíveis a ponto de fazer desejável, no mínimo, o afastamento, e, no máximo, o extermínio daquele que é diferente.

Examinemos algumas dessas fronteiras construídas pela consciência, pela influência trazida de vidas passadas, da carga genética atual, assim como de sua história, desde o nascimento em determinada família, em determinada cultura.

1. Fronteira de raça

As primeiras teorias “científicas” sobre a divisão da humanidade ofereciam uma resposta a esse dilema de profundas implicações econômicas. Carolus Linnaeus (Suécia, 1707–1778), o pai da taxonomia biológica, sugeriu, em meados do século XVIII, uma divisão do *Homo sapiens* em quatro raças, baseada na origem geográfica e na cor da pele: *Americanus*, *Asiaticus*, *Africanus* e *Europeanus*. Naturalmente, a raça *Europeanus* era constituída por indivíduos inteligentes, inventivos e gentis, enquanto os índios americanos seriam teimosos e irritadiços, os asiáticos sofreriam com inatas dificuldades de concentração e os africanos não conseguiriam escapar à lassidão e à preguiça (MAGNOLI, 2009).

Assim surgiu o *apartheid*, que se manteve até o século XX. E já se pode considerar totalmente superado? A lei pode estar vigorando e obrigando a convivência, mas as consciências já desconstruíram essa fronteira?

O acontecido comigo em Johannesburg, África do Sul, relatado a seguir, ilustra bem o que significa a prevalência das fronteiras conscienciais sobre os dispositivos legais:

Necessitando de um táxi, solicitei à atendente do caixa do restaurante onde almocei que pedisse um táxi para me apanhar naquele endereço. Pergunta da moça: prefere um motorista branco ou negro? Naturalmente a resposta foi: para mim é indiferente. Veio, então, um táxi dirigido por um negro, a quem entreguei o papel onde estava escrito o endereço de destino. Embora o inglês seja idioma oficial naquele país, grande parte da população nativa e menos instruída fala o africâner, cuja origem é o holandês do século

XVII. Dando mostras de haver compreendido, o homem partiu em direção ao local solicitado, aonde cheguei depois de inúmeras voltas e paradas para perguntar sobre o itinerário. Ele não dava a impressão de estar dando voltas para aumentar a marca do taxímetro, parecia mais perdido que eu, que não conhecia a cidade.

O que acontece em grande parte dos países onde grupos humanos são considerados inferiores é que, quando a lei estabelece igualdade de direitos, os excluídos – durante décadas ou séculos – do acesso à educação básica de qualidade, reservada às classes dominantes, são inseridos no mercado de trabalho sem as mínimas condições de desempenho das funções a exercer. Seus fracassos constantes acabam por reforçar na sociedade a ideia da incapacidade, da inferioridade do grupo, e, ainda mais grave, nos próprios indivíduos que, vítimas da exclusão, passam a se sentir inferiores e culpados das falhas cometidas.

Casos extremos de racismo foram o Holocausto e os genocídios nos países do Leste Europeu, em pleno século XX.

Recentemente (Ano base: 2014), a mídia informou episódios ocorridos em estádios de futebol onde os torcedores insultaram jogadores negros, numa clara e inaceitável manifestação de racismo.

2. Fronteira de gênero

Manifesta-se pela maneira como determinado grupo humano valoriza ou subjuga seus integrantes de determinado sexo, sendo as integrantes do sexo feminino, sempre ou quase sempre, as vítimas desse tipo de discriminação.

Aí entra a questão biológica que, ao longo do tempo, tem contribuído para a submissão imposta à mulher, não só pela força física menor se comparada ao homem, que a torna inadequada numa sociedade na qual são valorizadas as tarefas desempenhadas pelo sexo masculino, mas também pela gravidez, incontrolável até os anos 60 do século passado.

Na atualidade, documento publicado pela ONU (Organização das Nações Unidas) afirma que em nenhum país do mundo o gênero feminino tem as mesmas oportunidades ou recebe tratamento igualitário ao masculino. Mesmo possuindo a mesma formação intelectual ou profissional dos homens, as mulheres são mais penalizadas pelo desemprego e recebem menores salários.

3. Fronteira ideológica

Segundo o Dicionário Houaiss eletrônico, a palavra ideologia etimologicamente significa “ciência das ideias”, “sistema de ideias sustentadas por um grupo social”, as quais refletem, racionalizam e defendem os próprios interesses e compromissos institucionais, sejam estes *morais, religiosos, políticos ou econômicos*.

Este tipo de fronteira foi bem caracterizado pela “Guerra Fria”, designação atribuída ao período histórico de disputas estratégicas e conflitos indiretos entre os Estados Unidos e a União Soviética, compreendendo o período entre o final da Segunda Guerra Mundial (1945) e a extinção da União Soviética (1991). Foi um conflito de ordem política, militar, econômica, social e ideológica entre as duas nações e suas zonas de influência.

Manifestação desta fronteira concretizou-se na construção do “Muro de Berlim”, o qual impedia o trânsito de cidadãos alemães entre a região oeste, sob hegemonia americana, e a região leste, dominada pelo comunismo soviético.

Entretanto, a fronteira física é algo passível de desconstrução, haja vista o que aconteceu com o citado “Muro”, derrubado após décadas de construído, quando arrefeceu a ideologia comunista e foi possível a unificação das “duas Alemanhas”. Entretanto, para que essa fronteira física fosse desconstruída, a fronteira ideológica, portanto, consciencial, que a justificava, já começava a ser ultrapassada.

4. Fronteira religiosa

Ao longo da História até os dias atuais, a maior parte dos conflitos têm-se devido ao fanatismo religioso, provocador de guerras sangrentas, em defesa de uma verdade sagrada, única e incontestável. É estarrecedor comprovar o poder nefasto do dogma, capaz de estabelecer ódio em nome de um deus que não admite diferenças.

Causa impacto constatar ainda hoje o rebaixamento do gênero feminino à condição de quase escravidão, privado em muitos países – a exemplo do Afeganistão – de atenção à saúde e da frequência à escola cujo exemplo mais recente foi o caso da estudante paquistanesa Malala, baleada dentro de um ônibus escolar, por governos fundamentalistas seguidores do que preconiza seu “livro sagrado”.

A verdade “revelada”, aceita sem direito ao exercício do discernimento ou da refutação, enquanto amedronta com punições infernais aos “pecadores”, oferece recompensas eternas satisfatórias apenas para consciências muito imaturas.

5. Fronteira etnocêntrica

O etnocentrismo é tendência a considerar a cultura do próprio povo como a medida de todas as coisas, caracterizando o sectarismo e o paroquialismo, que levam à **xenofobia** (desconfiança, temor ou antipatia por pessoas estranhas ao meio daquele que as ajuíza, ou pelo que é incomum ou vem de fora do país; xenofobismo).

Atualmente, todos os dias os noticiários comunicam a tragédia humana que se vem repetindo desde 2013, principalmente na Itália, em especial em Lampedusa, ilha italiana, porto europeu mais próximo do continente africano, onde aportam milhares de refugiados que conseguem sobreviver aos riscos da travessia marítima. Vêm em busca dos mais básicos meios de subsistência, fugindo da miséria implacável e das atrocidades políticas de seus países de origem.

Em entrevista ao portal francês Mediapart, Giusi Nicolini, na época “presidente ecologista” de Lampedusa, denunciou o “holocausto moderno no Mediterrâneo” e apontou os responsáveis: “todos os países europeus”. A alternativa seria “mudar imediatamente as políticas de asilo e imigração que conduziram a estes dramas”. Referia-se especialmente ao naufrágio de uma embarcação de imigrantes, que trazia 545 refugiados, dos quais se salvaram apenas 155, ocorrido em 3 de outubro de 2013, junto à costa de Lampedusa.

Cerca de uma semana após a tragédia, novo naufrágio ocorreu, no qual pereceram pelo menos 34 pessoas, entre elas várias crianças.

Enfaticamente a entrevistada declarava: “A União Europeia terá de mudar mais cedo ou mais tarde”. Continuando sua fala: “A abolição do delito de emigração clandestina é uma medida

fundamental e prioritária que temos de tomar. Punir alguém não pelo que fez, mas por quem é, é contrário aos nossos princípios jurídicos.” A entrevistada ainda acrescentou: “o número de migrantes vindos da África é realmente irrisório em relação ao número de todos os que entram ilegalmente através de outras fronteiras da nossa Europa”.

Entretanto, até o término da revisão deste artigo, o problema não foi resolvido, e a Itália vem propondo veementemente a divisão da responsabilidade pela aceitação desses africanos entre todos os países da União Europeia, mas vários deles já declararam ter fechado suas fronteiras para esses emigrantes.

6. Fronteira da Normose

Normose é o conjunto de normas, conceitos, estereótipos, hábitos de pensar ou de agir, que são aprovados por consenso ou pela maioria em uma determinada sociedade e provocam sofrimento, doença e morte (WEIL et al, 2003).

O exemplo mais chocante é o Holocausto, tema desenvolvido por Bauman (1988) sob o título “*A produção da indiferença moral*”. Descrevendo processos ligados ao bárbaro genocídio, o autor cita a colaboração de pessoas normais, que passariam facilmente em qualquer peneira psiquiátrica conhecida. Isso também é teoricamente intrigante, em especial quando visto em conjunto com a “normalidade” daquelas estruturas da organização que coordenaram as ações desses indivíduos normais no empreendimento do genocídio.

7. Fronteira dimensional

Desde tempos imemoriais o ser humano tem apelado ao “sobrenatural” na busca de explicações para fenômenos da natureza, para a sorte ou para o sofrimento, para a vida e a morte. Hoje existem pesquisas científicas e técnicas de desenvolvimento do parapsiquismo acessíveis a qualquer pessoa interessada nos estudos da Conscienciologia: a partir do conhecimento adquirido através do estudo, da prática e da experiência, o ser humano pode perceber que, não havendo solução de continuidade entre dimensões, barreiras que possam existir serão apenas as resultantes da ignorância ou do medo.

A desconstrução desta fronteira altera dramaticamente conceitos fundamentais da vida humana e, portanto, comportamentos e relacionamentos, trazendo lucidez e autonomia ao processo evolutivo da consciência.

DESCONSTRUÇÃO DAS FRONTEIRAS CONSCIENCIAIS: A REEDUCAÇÃO NECESSÁRIA

Desconstruir fronteiras conscienciais implica mudança de valores a serem escolhidos pelo indivíduo: essa escolha faz parte de sua liberdade. Liberdade própria, mas também do outro, ao qual se tem de reconhecer o direito de ser diferente quanto a costumes, singularidades culturais, crenças, filosofia, ideologias, e a tudo mais que constitui o ego, a personalidade. O reconhecimento desse direito provoca aceitação, acolhimento e assistência, diferente da tolerância praticada por conveniência ou polidez.

Aceitar significa ver no outro uma consciência em evolução, sujeita a traumas a serem superados e abrir o olhar e a escuta sem preconceitos, o que já pode se considerar uma forma de

acolher e assistir. Ao contrário, tolerar é suportar algo incômodo e, se o outro me incomoda, não posso acolhê-lo nem assisti-lo.

Há talvez uns três anos, fazendo autopesquisa sobre minhas fronteiras, comecei observando meus preconceitos e muito me esclareceu um fato corriqueiro: parada num semáforo, aproximou-se do meu carro um adolescente branco, bonito, de aspecto saudável, vestido com roupas limpas, oferecendo algo para vender. Pensamentos que me ocorreram: *por que um garoto assim está vendendo coisas no semáforo? Talvez o pai tenha morrido e ele precise ajudar no sustento da família. Como estará a mãe dele, pensando no filho trabalhando na rua?* Mais adiante vi outro garoto aparentemente da mesma idade, porém moreno, mal vestido, vendendo os mesmos artigos. Imediatamente me dei conta de quantas vezes havia visto garotos como este último vendendo no semáforo, sem imaginar suas histórias. Por quê? Qual o preconceito determinante no meu comportamento? Refletindo, concluí: preconceito de classe social e de raça.

A partir daí, exercendo constante vigilância da minha pensenidade, descobri o hábito de classificar pessoas pela aparência e, principalmente, pela intelectualidade. Apesar disso, meu comportamento sempre foi de cortesia tolerante, mas não de aceitação.

Para superar esse tráfego e alcançar a teática indispensável para escrever sobre cidadania planetária, escolhi um trinômio, repetido inúmeras vezes, principalmente quando me via na iminência de classificar alguém: **compaixão-acolhimento-assistência**.

Hoje me sinto muito mais à vontade no convívio social, muito mais espontânea e menos vaidosa intelectualmente. Seguramente há outros tráfegos a superar, mas percebo que estou avançando no processo de me tornar cidadã planetária.

Reeducação

Antes de falar sobre reeducação, é necessário compreender o processo educativo. No amplo espectro das atividades humanas, a Pedagogia é, se não o mais fidedigno, um dos mais importantes reflexos do nível evolutivo de determinada cultura num determinado tempo. Isso porque através da sua prática se pereniza uma ideologia da qual deriva o modelo de sociedade que se pretende criar. A partir daí se “formam” seres humanos para melhor se adaptarem aos seus valores.

Entretanto, segundo Jorge Werthein, autor da apresentação da obra de Edgar Morin, “Educar na Era Planetária”, estamos vivendo uma crise educacional:

Há uma crise de sentido que se amplia em função da crescente complexidade e incerteza que dominam os horizontes da vida contemporânea. O notável avanço da ciência e da tecnologia não foi nem está sendo seguido de avanços no plano existencial e ético (MORIN, 2003).

Reeducação não consiste em mudanças curriculares, daqueles conteúdos que habilitam os indivíduos a determinados desempenhos: isso é instrução, cujos resultados são empregados de maneira ética ou espúria. Há um princípio que considero muito válido: **Ninguém educa com o que sabe, mas com o que é**. Isso significa que a teática e o exemplarismo são fundamentais para a reeducação.

Então, os primeiros a reeducar-se devem ser os educadores – pais e professores, no sentido de tornarem-se livres dos condicionamentos favorecidos pelos hábitos sociais e pela mídia. Porém, não se isentando da responsabilidade de contribuir com novas posturas, admitindo

a necessidade de reciclagens individuais e deixando de acusar a “humanidade” de ser a causadora dos males que nos afligem.

Penso, então, no papel que os conscienciólogos podem desempenhar, não só na divulgação de uma metodologia evolutiva – contribuição inestimável da Conscienciologia – mas, também com o exemplarismo de um comportamento cosmoético.

Como disse antes, o exercício da cidadania planetária não é meta a ser alcançada brevemente, mas o percurso de um longo caminho se inicia com os primeiros passos.

CONCLUSÃO

Concluo que a reeducação se inicia por uma pesquisa fundamental: a qualidade da pensenização. Portanto, se faz necessária observação ininterrupta do pensar, do falar, do agir e do reagir, avaliando sempre esses atos.

Entretanto, observar ininterruptamente o pensar é uma das tarefas mais difíceis para o indivíduo. Mas todos dispõem de três poderes conscienciais básicos para sua execução: vontade, intencionalidade e persistência, sendo vontade o principal.

Considerando o exposto até aqui, percebe-se que à consciência pretendente à cidadania planetária se descortina vasto panorama a ser explorado: a própria intraconsciencialidade.

BIBLIOGRAFIA

1. BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Holocausto*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
2. _____. *Globalização: as consequências humanas*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
3. HUSEK, Carlos Roberto. *A nova (des)ordem internacional: ONU: uma vocação para a paz*. São Paulo: RCS, 2007.
4. MAGNOLI, Demétrio. *Uma gota de sangue: história do pensamento racial*. São Paulo: Contexto, 2009.
5. MATURANA ROMESÍN, Humberto; DÁVILA YÁÑEZ, Ximena. *Habitar humano em seis ensaios de biologia-cultural*. Trad. Edson Araújo Cabral. São Paulo: Palas Athena, 2009.
6. MORIN, Edgar. *Educar na Era Planetária: o pensamento complexo como Método de aprendizagem no erro e na incerteza humana*. Trad. Sandra Trabuco Valenzuela. São Paulo: Cortez, 2003.
7. _____. *Para onde vai o mundo?* Trad. Francisco Morás. Petrópolis: Vozes, 2010.
8. PEREIRA, Jayme. *Princípios do Estado Mundial Cosmoético*. Brasil: Associação Internacional EDITARES, 2013.
9. VIEIRA, Waldo. *Enciclopédia da Conscienciologia*. 8 Ed. Brasil: Associação Internacional EDITARES, 2013.
10. WEIL, Pierre et al. *Normose: a patologia da normalidade*. Campinas: Verus, 2003.